

Práticas do ensino de história - Um olhar sobre o Brasil no século XIX: Os usos da obra de Debret em sala de aula



Ministério da Educação
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Alagoas-Ifal

***Práticas do ensino de história* : Um olhar
sobre o Brasil no século XIX: Os usos da obra
de Debret em sala de aula**



Ministério da Educação
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Alagoas-Ifal

EXPEDIENTE TÉCNICO

Organizadores: Fábio Francisco de Almeida Castilho

João Vitor da Silva Santos

Projeto Gráfico: Fábio Francisco de Almeida Castilho

João Vitor da Silva Santos

Diagramação: João Vitor da Silva Santos



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Instituto Federal de Alagoas
Campus Maceió
Biblioteca Benevides Monte

981.04
P912

Práticas do ensino de história [recurso eletrônico] : um olhar sobre o Brasil no século XIX : os usos da obra de Debret em sala de aula / [organização de] Fábio Francisco de Almeida Castilho, João Vitor da Silva Santos; [autoria de] Bruna Oliveira dos Santos [et al.]. – Maceió : IFAL, 2025. – Dados eletrônicos (1 arquivo : 6,02 MB). – 2025.

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: Internet.

ISBN: 978-65-01-60278-3.

Produto educacional do Projeto de Pesquisa Mulheres escravizadas em Alagoas: uma proposta de pesquisa e ensino a partir de registros de protagonismo feminino nos periódicos locais (1870 e 1880).

1. História do Brasil. 2. Brasil – Séc. XIX. 3. Jean-Baptiste Debret – Obras. I. Castilho, Fábio Francisco de Almeida (org.). II. Santos, João Vitor da Silva (org.). III. Santos, Bruna Oliveira dos de. IV. Título.

SUMÁRIO

Introdução.....	09
Obras de Debret.....	15
Teatro da Corte.....	16
Viagem Pirotasca.....	19
Jovens negras indo a igreja se batizar.....	22
Cultura e sociedade.....	26
O Entrudo.....	35
Um funcionário brasileiro a passeio com a sua família...	38
Diferentes nações negras.....	40
Açoitamento aos escravos.....	42
Conclusão.....	45

LISTA DE FIGURAS

Imagem 1: Debret.....	11
Imagem 2: A missão artística.....	12
Imagem 3: Trabalho escravo.....	13
Imagem 4: Casa de Debret.....	13
Imagem 5: Pano de boca.....	18
Imagem 6: Viagem pirotésca.....	21
Imagem 7: Jovens negras indo a igreja se batizar.....	25
Imagem 8: Uma senhora brasileira em seu lar.....	28
Imagem 9: Cenas de ruas patrão e escravo.....	30
Imagem 10: Aquarela.....	32
Imagem 11: Embranqueceram o carnaval.....	34
Imagem 12: O entrudo.....	37
Imagem 13: Um funcionário brasileiro.....	39
Imagem 14: Diferentes nações negras.....	41
Imagem 15: Açoitamento aos escravos.....	44

APRESENTAÇÃO

A presente coletânea reúne alguns textos produzidos pelos alunos do segundo ano do Instituto Federal de Alagoas sobre as obras de Jean-Baptiste Debret, um artista francês que viajou para o Brasil no início do século XIX e registrou a vida e a cultura brasileira da época.

As obras de Debret são uma janela para o passado, oferecendo uma visão única da vida cotidiana, dos costumes e das paisagens brasileiras da época. Ao estudar essas obras, os alunos puderam identificar temas, símbolos e significados que refletem a complexidade da sociedade brasileira, no período joanino desde a vida nos engenhos de açúcar até as festas e celebrações populares.

Confiamos que as pinturas de Debret oferecem uma visão única da sociedade brasileira durante o período da independência do país, um momento marcado por grandes mudanças políticas e sociais. Uma das principais características da obra de Debret é a representação da escravidão e do dia a dia dos escravizados trabalhadores, que eram uma parte fundamental da economia e da sociedade brasileira da época.

APRESENTAÇÃO

Ao analisar as obras de Debret, os alunos puderam refletir sobre a complexidade da escravidão e seu impacto na formação da sociedade brasileira. As pinturas e desenhos de Debret mostram a vida nos engenhos de açúcar, as tarefas diárias dos escravos e as condições de vida nas senzalas, oferecendo uma visão detalhada da realidade da escravidão no Brasil.

Além disso, as obras de Debret também permitem que os alunos entendam o contexto da independência do Brasil, um momento marcado por debates políticos e sociais. A análise das obras de Debret permitiu que os alunos desenvolvessem habilidades críticas e analíticas, ao mesmo tempo em que ganhavam uma compreensão mais profunda da história e da cultura brasileira. Os textos reunidos demonstram a capacidade dos alunos de interpretar e analisar as obras de arte, identificando padrões, temas e significados que refletem a riqueza e a diversidade da cultura brasileira.

Essa coletânea é um testemunho do compromisso dos estudantes em desenvolver uma compreensão mais profunda da história e da cultura brasileira, e esperamos que ela possa inspirar outros a explorar a rica obra de Debret e a refletir sobre a importância da arte e da história na nossa sociedade

Introdução

AUTORES: BRUNA OLIVEIRA DOS SANTOS
LAURA BASSO DE VASCONCELOS CORREIA
MILENA SANTOS DE MELO
SARAH EVELIN DE OLIVEIRA ALVES

CURSO TÉCNICO INTEGRADO EM QUÍMICA

Introdução

A independência do Brasil foi um processo complexo, marcado por uma série de eventos e influências tanto internas quanto externas. No século XIX, ideias iluministas, a Revolução Francesa e os movimentos de independência na América do Norte e Latina já agitavam as estruturas coloniais pelo mundo. Por aqui, o desejo de autonomia crescia, alimentado pelo descontentamento da elite brasileira com as imposições da Coroa portuguesa, especialmente os altos impostos e o rígido controle econômico. (FAUSTO, Boris. História do Brasil. São Paulo: EdUSP, 2013)

Nesse cenário, um momento decisivo foi a chegada da família real portuguesa ao Brasil, em 1808, fugindo das tropas de Napoleão. Com a corte instalada no Rio de Janeiro, a cidade passou a ser a capital do Império Português, o que intensificou as tensões entre colônia e metrópole. Apesar disso, esse período também abriu caminho para o surgimento de instituições nacionais e estimulou o desenvolvimento econômico. Aos poucos, a ideia de uma separação ganhava forças.

O Período Joanino (1808–1821) refere-se à estadia da corte portuguesa no Brasil, após a fuga de Dom João VI de Portugal devido à invasão napoleônica. A chegada da família real ao Rio de Janeiro resultou em importantes transformações, como a abertura dos portos às nações amigas, o fim do pacto colonial e a criação de instituições culturais e administrativas. O Brasil passou a ser sede do Império Português, o que elevou seu status político. Em 1815, foi elevado do Reino Unido a Portugal e Algarves. O período encerrou-se com o retorno de Dom João VI a Portugal em 1821, deixando seu filho Pedro como regente. Fonte: SCHWARCZ, Lilia M.; STARLING, Heloisa M. Brasil: uma biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

Foi então que, em 1822, Dom Pedro I proclamou oficialmente a independência do Brasil, pondo fim ao domínio colonial. No entanto, a construção de uma identidade nacional estava apenas começando e não seria feita apenas com armas e política, mas também com arte, cultura e memória.

É nesse cenário de transformação que entra em cena Jean-Baptiste Debret, um artista francês que teve papel fundamental na formação da imagem do Brasil recém-independente. Debret foi discípulo de Jacques-Louis David, pintor da Revolução Francesa e de Napoleão Bonaparte, e trazia consigo uma bagagem artística e política valiosa. Suas habilidades chamaram atenção justamente num momento em que o Brasil buscava se afirmar como nação diante do mundo. (DEBRET, Jean-Baptiste. Viagem pitoresca e histórica ao Brasil (edições comentadas). São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial, várias edições.)

Imagem 1: Debret



Fonte: enciclopedia.itaucultural.org.br

Convidado a participar da chamada “Missão Artística Francesa”, iniciativa de D. João para fundar uma Escola de Artes e Ofícios no Brasil, Debret embarcou no navio rumo ao Rio de Janeiro em janeiro de 1816, ao lado de outros artistas e mestres europeus. Chegaram ao país dois meses depois, prontos para contribuir com a criação de uma identidade visual brasileira.

Imagem 2: A missão Artística Francesa



Fonte: enciclopedia.itaucultural.org.br

Debret se dedicou a retratar o Brasil em toda sua diversidade. Suas obras abordam temas variados: festas populares, cenas do cotidiano, paisagens urbanas e rurais, além dos modos de vida das elites e do povo. Um destaque importante de sua produção foi a representação do trabalho forçado dos negros escravizados registros visuais que até hoje ajudam a compreender a estrutura social da época.

Imagem 3: Trabalho escravo



Fonte: enciclopedia.itaucultural.org.br

Em 1817, Debret abriu seu ateliê no bairro do Catumbi, no Rio de Janeiro. Foi ali que produziu obras como Casa de Debret no Catumbi, Retrato de D. João e O Desembarque da Arquiduquesa Leopoldina. Em 1818, participou da decoração da cidade para a coroação de D. João VI, ao lado de nomes como o arquiteto Grandjean de Montigny e o escultor Auguste Taunay. (DEBRET, Jean-Baptiste. Viagem pitoresca e histórica ao Brasil (1816–1831). Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1940.)

Imagem 4: Casa de Debret



Fonte: enciclopedia.itaucultural.org.br

Como pintor oficial do Império, Debret fez retratos da Família Real e atuou como cenógrafo do Real Teatro São João. Com seu olhar artístico e atento, registrou tipos humanos, hábitos e transformações do Rio de Janeiro de sua época.

Debret permaneceu no Brasil até 1831. Ao retornar à França, deixou um legado inestimável: suas obras se tornaram um dos principais registros visuais do período da independência. De acordo com Ronaldo Brito (2000), mais do que um artista, ele foi um cronista visual do nascimento de uma nação.

Após retornar a Paris, Debret lançou sua obra-prima: *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*, publicada em 26 fascículos divididos em três volumes (1834, 1835 e 1839). Embora o termo “pitoresca” tivesse um sentido pejorativo de “estranha”, a obra se consagrou como um registro visual e textual profundo do Brasil no século XIX. No primeiro volume, retrata os indígenas; no segundo, a dura realidade dos escravos e sua relação com os brancos; no terceiro, destaca a corte e as tradições populares. Mais que artista, Debret foi pioneiro: organizou a primeira exposição de arte no Brasil e desenhou a primeira bandeira do país independente.

Obras de Debret

Teatro da Corte

AUTORES:

ADÃO LOPES LEITE

RHAY ANTÔNIO LIMA DE OLIVEIRA BARROS

RAPHAEL ANTÔNIO DE LIMA OLIVEIRA BARROS

THARLYS DA SILVA SANTOS

CURSO TÉCNICO INTEGRADO EM EDIFICAÇÕES

Como artista em evidência no período, coube a Debret a missão de criar um quadro que simbolizasse o recém-formado Império do Brasil e colaborasse na construção de sua nova imagem. Ilustrando a representação da nova nação recém independente.

A proposta inicial do artista, aprovada por José Bonifácio de Andrada e Silva, retratava “a fidelidade geral da população brasileira ao governo imperial, sentado num trono sob rica tapeçaria”, como descrito pelo próprio Debret em sua Viagem Pitoresca ao Brasil.

No entanto, Bonifácio solicitou uma mudança: a retirada das palmeiras que sustentavam o dossel, pois poderiam remeter a uma imagem selvagem do país, em desacordo com a ideia de um Império Constitucional.

Para contornar isso, Debret substituiu as palmeiras por uma cúpula sustentada por colunas douradas em forma de mulheres – as chamadas cariátides. As palmeiras não foram eliminadas, mas discretamente posicionadas ao fundo da composição. A obra, revela com riqueza de detalhes o esplendor e a pompa do novo império brasileiro. As vestes luxuosas, os símbolos monárquicos e a composição hierárquica expressam o esforço de legitimar Dom Pedro I como soberano perante a elite e o povo.

A cena mistura teatralidade e poder, reforçando a imagem de uma nação civilizada aos moldes europeus. Debret usa a arte como ferramenta política, imortalizando um momento-chave da construção simbólica do Brasil independente. A paleta de cores e a minúcia dos gestos tornam a tela viva e cerimonial.

Imagem 5: Pano de Boca



Fonte: enciclopedia.itaucultural.org.br

Viagem Pirotesca

AUTORES:

EMILLY KAROLAYNE BEZERRA DOS SANTOS

CLICIA BARROS DE OLIVEIRA

MARIA LÚCIA SOUZA DA CUNHA

CURSO TÉCNICO INTEGRADO ME QUÍMICA

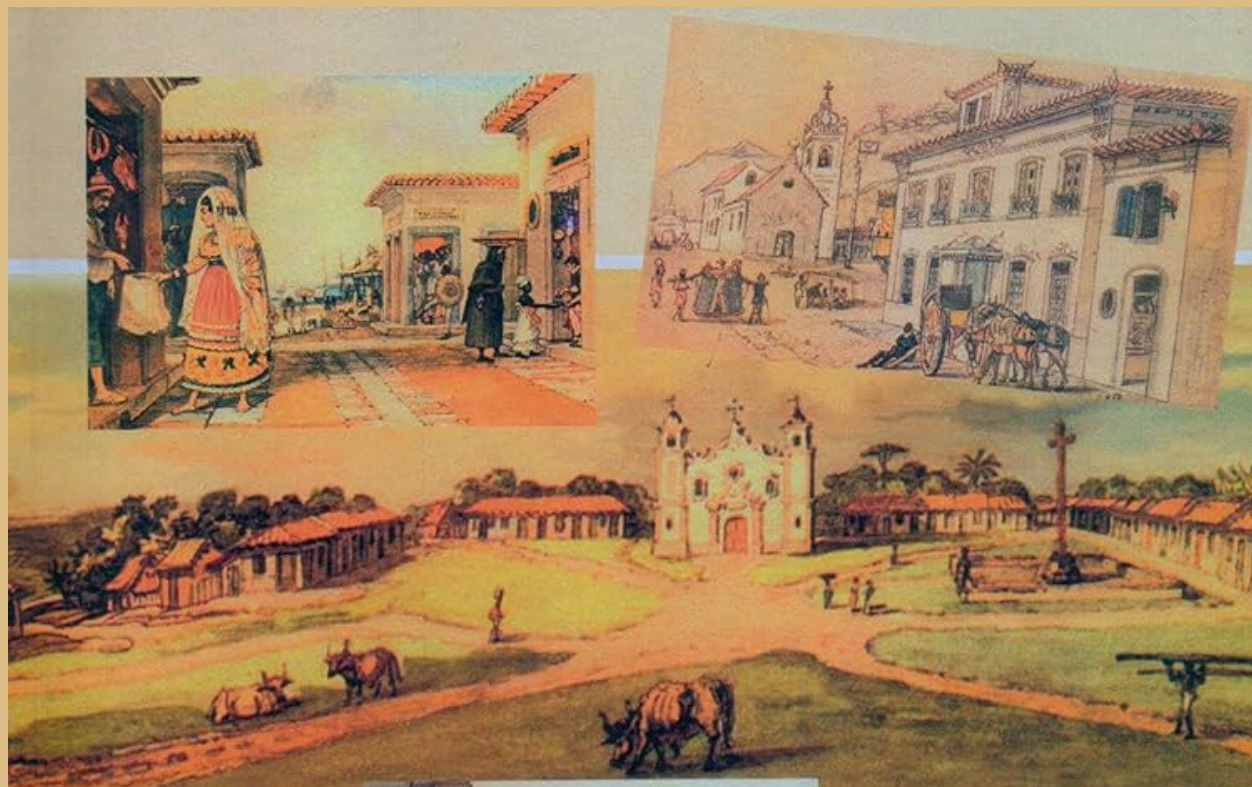
Nas telas organizadas em Viagem Pitoresca ao Brasil, Jean-Baptiste Debret registrou, por meio de desenhos, as cenas que presenciou ao explorar o interior do país durante seus 15 anos no Brasil, integrando a conhecida Missão Artística Francesa. A obra é uma rica documentação visual e textual das impressões do artista sobre o Brasil no período imperial. O termo “pitoresca” significa algo próprio da pintura, pictórico, original de modo gracioso e digno de ser retratado, e foi justamente assim que Debret compôs suas ilustrações e descrições, capturando a vida cotidiana, a cultura, a sociedade e a natureza do Brasil da época.

Debret, que chegou como parte da missão artística enviada pela França, revelou em seus desenhos e aquarelas cenas de festas, danças, vestimentas, paisagens e a interação entre diferentes grupos sociais, como indígenas, escravizados e brancos. Sua obra é notável pela riqueza de detalhes e pela diversidade cultural representada, retratando não apenas a elite, mas também africanos escravizados e povos indígenas, oferecendo uma visão ampla e crítica da sociedade brasileira.

Essa abordagem evidencia as tensões e as interações entre os grupos étnicos. As imagens do livro ilustram claramente essas reflexões, enquanto os textos acompanham as ilustrações com análises sobre a sociedade, tradições, escravidão, economia, política e relações sociais do Brasil imperial.

Viagem Pitoresca ao Brasil é uma fonte essencial que combina arte e história, proporcionando aos leitores um retrato detalhado, artístico e histórico, fundamental para compreender a formação cultural e social do Brasil no século XIX.

Imagem 6: Viagem Pitoresca



Fonte: enciclopedia.itaucultural.org.br

Obra Jovens negras indo à igreja para serem batizadas

AUTORES:

GABRIELY VITÓRIA SILVA

REBECCA DE ARAÚJO SANTOS

CURSO TÉCNICO INTEGRADO EM QUÍMICA

A imagem oferece uma compreensão profunda dos aspectos sociais, religiosos e culturais, funcionando como uma janela para as dinâmicas raciais e de classe da época. Cada personagem, por meio de suas vestimentas e gestos, revela um fragmento da complexa trama social. Na obra analisada, nota-se que as mulheres africanas escravizadas estão com o cabelo raspado, símbolo de humilhação e submissão. A raspagem do cabelo transmitia uma mensagem clara: os escravizados estavam sob total controle dos senhores. Além disso, as vestimentas e acessórios dessas mulheres indicam suas origens e práticas culturais, mostrando que, mesmo coagidas a abandonar suas crenças, mantinham formas de resistência e preservação de identidade.

Os bebês nos braços das jovens evidenciam que a catequese católica começava desde cedo, criando uma geração que, embora ligada às suas raízes, era condicionada a aceitar uma nova identidade religiosa. O padre, à frente da igreja aguardando as mulheres, simboliza a enorme influência da Igreja Católica na época, que usava a religião como instrumento de controle social. A catequese ensinava os escravizados a obedecer aos senhores, muitas vezes justificando a escravidão como um desígnio divino.

As obras de Debret revelam essas nuances de opressão e resistência cultural, suscitando importantes reflexões sobre identidade, poder e a luta pela preservação das tradições. Centralizado na composição, destaca-se um homem vestido com trajes ocidentais casaco marrom e calça justa que indicam seu pertencimento a um estrato social específico. Ele está descalço, segura um chapéu com uma mão e se inclina em direção à figura clerical à direita, como quem cumprimenta ou solicita uma bênção.

O fato de estar descalço e inclinado revela uma atitude de humildade e reverência, demonstrando respeito às normas religiosas e sociais do período colonial, quando a Igreja tinha papel central. Estar descalço pode indicar pobreza ou respeito ao adentrar um espaço sagrado. À direita, o clérigo, vestido com túnica branca e preta típica da Igreja Católica colonial, está de pé à entrada da igreja, acolhendo os visitantes. Sua postura ereta e o gesto das mãos expressam autoridade espiritual e social, ressaltando o poder da Igreja sobre as comunidades coloniais.

A presença do padre na cena reforça a importância da religião na vida cotidiana e seu papel como mediadora das hierarquias sociais e raciais. A igreja unia ricos e pobres, mas também perpetuava essas desigualdades.

Imagem 7:Obra Jovens negras indo à igreja para serem batizadas



Fonte:enciclopedia.itaucultural.org.br

Cultura e sociedade

AUTORES:

CAIO ROCHA DE LUCENA LIRA

ISAAC RABY ARAÚJO DUÉ

CURSO TÉCNICO INTEGRADO EM ESTRADAS

Pintada em 1823, esta litografia aquarelada à mão encontra-se atualmente no acervo dos Museus Castro Maya, no Rio de Janeiro. Mas afinal, o que é uma litografia? Trata-se de uma técnica artística em que o artista desenha diretamente sobre uma superfície porosa e áspera geralmente uma pedra calcária utilizando materiais oleosos.

O processo funciona como uma espécie de "carimbo": após o desenho ser feito na pedra, aplica-se tinta sobre ela, que adere apenas às partes oleosas. Em seguida, essa imagem é transferida para o papel por meio de pressão, criando cópias fiéis à obra original. Essa técnica foi especialmente útil em uma época anterior às impressoras, permitindo a reprodução de imagens de maneira manual e relativamente rápida.

A litografia proporcionava não apenas praticidade, mas também um acabamento visual característico um aspecto levemente áspero, porém suave, valorizado por muitos artistas e colecionadores. Quando combinada com aquarela, como nesta obra, ela ganha ainda mais profundidade e vivacidade nas cores.

Imagem 8: Uma senhora Brasileira em seu lar



Fonte: enciclopedia.itaucultural.org.br

Observar a representação de dois personagens que revelam aspectos marcantes das relações sociais e raciais do período colonial. À esquerda da imagem, aparece um senhor bem vestido, cuja indumentária sugere sua posição de prestígio. Ele usa um casaco longo, botas pretas e um chapéu típico da elite europeia da época geralmente associado a nobres ou oficiais. Sua postura, com as mãos para trás e um ar relaxado, sugere tranquilidade e autoridade.

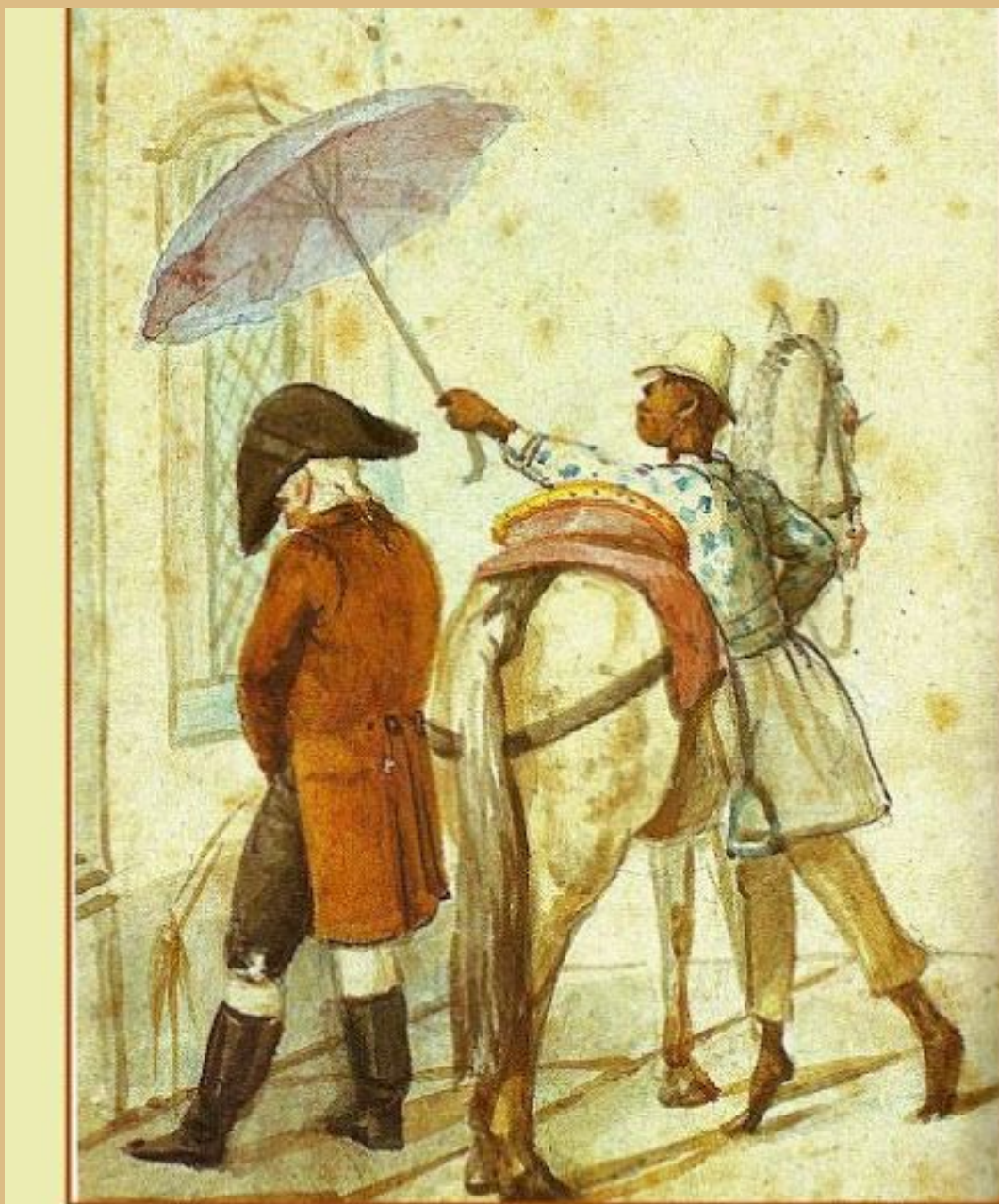
Já à direita da imagem, está um homem escravizado, vestindo roupas simples: uma camisa de mangas longas, calças claras e um chapéu, provavelmente usado como proteção contra o sol. Ele segura um guarda-sol sobre o senhor, o que evidencia sua função subordinada e sua condição de servidão. O contraste entre os trajes e as posturas dos dois personagens simboliza a rígida hierarquia social da época.

Um detalhe impactante da cena é o momento em que o senhor, protegido pelo guarda-sol, está urinando em plena via pública. Mesmo diante de um ato íntimo e fisiológico, o homem escravizado continua cumprindo seu papel de serviçal, evidenciando o grau de submissão imposto a essas pessoas.

Essa imagem reforça como os escravizados eram forçados a servir seus senhores incondicionalmente, inclusive durante momentos que revelam a desumanização e naturalização da exploração.

A obra, rica em detalhes, permite compreender as estruturas de poder e opressão que marcaram o sistema escravista. Ela ilustra não apenas a exploração física dos escravizados, mas também a humilhação cotidiana que sofriam, ao serem reduzidos a instrumentos de conforto para seus senhores.

Imagem 9: cenas de rua patrão e escravo



Fonte: enciclopedia.itaucultural.org.br

A aquarela é uma técnica de pintura conhecida por sua leveza, suavidade e transparência, obtidas por meio da diluição da tinta em água. Esse processo permite que a cor de fundo, geralmente o branco do papel, influencie diretamente no resultado final, conferindo luminosidade e delicadeza à imagem. Quando aplicada sobre uma superfície tradicional, como papel de algodão, a aquarela preserva essa característica etérea, criando uma sensação de leveza e fluidez nas formas.

Entretanto, quando o artista opta por aquarelar sobre materiais não convencionais, como a pedra, o efeito visual e sensorial se transforma. A textura naturalmente áspera da rocha interfere diretamente na pigmentação, promovendo um contraste mais intenso e uma aparência mais rústica às figuras representadas. As superfícies irregulares da pedra interrompem o fluxo da água e da tinta, gerando manchas, sobreposições e marcas orgânicas que tornam a obra única e expressiva. Foi justamente esse aspecto mais bruto, natural e autêntico que o artista buscava em suas obras. Inspirado pela fusão entre técnica e matéria, ele encontrou na aquarela sobre pedra uma forma de questionar a delicadeza idealizada da arte tradicional e explorar a relação entre fragilidade e força.

Essa abordagem dialoga com tendências contemporâneas que valorizam a materialidade da arte, conforme discutem teóricos como Nicolas Bourriaud, em sua proposta de "estética relacional", onde a obra se constrói também a partir da interação com o meio e os materiais utilizados.

Imagem 10: Aquarela



Fonte: enciclopedia.itaucultural.org.br

A pintura "Embranqueceram o Carnaval (ou Entrudo)" é de Jean-Baptiste Debret, um artista francês que retratou o Brasil durante o período imperial. Nessa obra, Debret faz uma crítica sutil à maneira como as elites urbanas do Brasil tentavam controlar e domesticar o Carnaval, promovendo uma versão mais "civilizada" e europeia.

O Entrudo foi uma forma inicial de Carnaval no Brasil, uma festa de origem portuguesa que envolvia brincadeiras de molhar uns aos outros, usando água, frutas e outros líquidos. Era uma festa irreverente, com muita interação entre classes sociais, mas sua natureza "descontrolada" e popular incomodava as elites. Com o tempo, tentativas foram feitas para "embranquecer" ou "domar" o Carnaval, transformando-o em um evento mais "organizado".

No contexto imperial brasileiro, o Carnaval tinha um caráter de "rebelião" ou resistência dos escravizados. Durante o período colonial e imperial, o Carnaval e o Entrudo ofereciam um espaço de subversão e inversão das hierarquias sociais, permitindo que os escravizados e os pobres expressassem sua cultura, religiosidade e identidade em um ambiente onde as regras sociais eram temporariamente afrouxadas.

Imagem 11: Embranqueceram o carnaval



Fonte: enciclopedia.itaucultural.org.br

O ENTRUDO

AUTORES:

ANNE SOFIA CHAVES BEZERRA

EMILY VITÓRIA RODRIGUES DOS SANTOS

MYLENA CRISTINA DA SILVA

CURSO TÉCNICO INTEGRADO EM EDIFICAÇÕES

A obra de Debret aborda o antecessor do carnaval, o entrudo. O termo, derivado do latim "introitus" significava "entrada", "começo", nome com o qual a Igreja denominava o começo das solenidades da Quaresma.

Este que havia diversas brincadeiras e costumes atípicos, como jogar ovos e bolas de cera cheias de água no rosto das pessoas. Remontando às práticas medievais que antecederam o período da quaresma, carregando ainda tradições pagãs de origem romana, o entrudo foi muito praticado no Brasil Colônia e Império.

Desta forma, havia as comemorações feitas pela nobreza e a plebe, sendo separados. Por volta de meados do século XIX, no Rio de Janeiro, a prática do entrudo passou a ser criminalizada, principalmente após uma campanha contra a manifestação popular veiculada pela imprensa.

Enquanto o entrudo era reprimido nas ruas, a elite do Império criava os bailes de carnaval em clubes e teatros.

Imagem 12: O Entrudo



Fonte: enciclopedia.itaucultural.org.br

Um funcionário Brasileiro a passeio com sua família

AUTORES:

ANNE SOFIA CHAVES BEZERRA

EMILY VITÓRIA RODRIGUES DOS SANTOS

MYLENA CRISTINA DA SILVA

CURSO TÉCNICO INTEGRADO EM EDIFICAÇÕES

A Obra de Debret "um funcionário brasileiro a passeio com sua família" É uma das obras criadas para mostrar o dia a dia no Brasil colonial, em relação a imagem mostra inicialmente uma família, em ordem de fila indiana para mostrar um traço social forte na época, pautada pelo patriarcalismo e hierarquia, um homem está guiando sua família a frente na fila, posterior a ele seus filhos, a mãe e as vestimentas deles mostram que são de classe alta na sociedade, e também a ama, atrás da mãe, que cuidava dos filhos e amamentava, mas era exclusiva da mãe e por fim, os escravos.

Imagem 13: Um funcionário Brasileiro



Fonte: enciclopedia.itaucultural.org.br

Diferentes nações negras

AUTORES:

MARIA EDUARDA GOMES DOS SANTOS

MARIANNE VITÓRIA DA SILVA SANTOS

MIGUEL MARCELINO FERNANDES

WENDY VITÓRIA AURELIANO DA SILVA

CURSO TÉCNICO INTEGRADO EM QUÍMICA

" Diferentes Nações Negras" de Jean-Baptiste Debret é uma obra rica em detalhes que retrata a diversidade das etnias africanas trazidas ao Brasil durante o período escravocrata. Através de seus traços precisos, Debret captura não apenas as características físicas dessas figuras, mas também aspectos culturais únicos, como penteados, adornos e expressões. A proposta de Debret era descrever diferentes grupos étnicos africanos, ou "nações", a partir das suas experiências e observações durante suas viagens.

Imagem 14: Diferentes nações negras



Fonte: enciclopedia.itaucultural.org.br

Açoitamento aos escravos

AUTORES:

ANA GILVANIA

LETÍCIA SUZANA SANTOS DE OLIVEIRA

MARIA GABRYELLA DE MENDONÇA

YASMIM FRANCINY MOURA

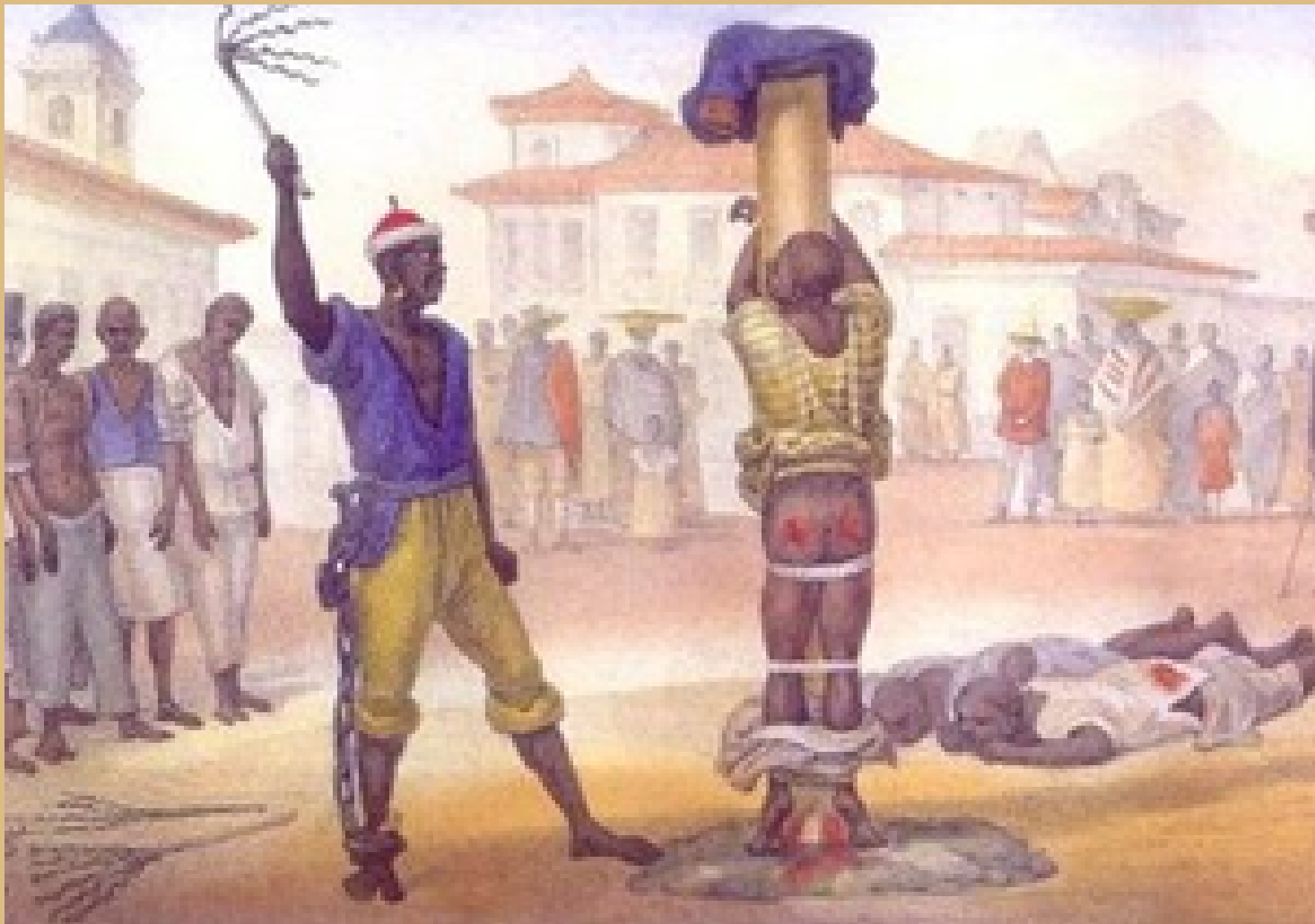
CURSO TÉCNICO INTEGRADO EM QUÍMICA

Nesta imagem apresenta, uma região o espaço que era dedicado á punição de negros escravizados que cometiam algum delito. Mais especificamente o Pelourinho era um coluna de madeira Ou pedra em um local público na qual os negros era acorrentados e castigados.

O Pelourinho antigamente era marcado pela violência contra as pessoas escravizadas e ali ficou até 1807 onde foi mantida até a proibição desse tipo de punição três décadas depois.

Mas antes os escravizados atuavam como vendedores e a mando de seus senhores de engenho, por isso que a palavra Pelourinho tem o sinônimo de (mercado) era comum porém que os escravos que trabalhavam nesse mercado aumentavam por conta própria os preços dos produtos ofertados. Para financiar eventuais fugas. Quando os fiscais flagravam esses escravos cometendo delitos , os negros eram levados para uma praça localizada pouco metros da Feira onde poderiam ser castigados por seus crimes, A intenção dos fiscais era que aqueles transgressores servisse de exemplo para os demais que trabalhavam na feira. Levava o escravo pro Pelourinho acorrentar eles em uma madeira e chicoteava.

Imagem 15: Açoitamento aos Escravos



Fonte: enciclopedia.itaucultural.org.br

Conclusão

AUTORES:

ADRIELLY FERNANDA NOGUEIRA

LUIZA HELENA DOS SANTOS PESSOA

CURSO TÉCNICO INTEGRADO EM QUÍMICA

AUTORES:

ADÃO LOPES LEITE

RHAY ANTÔNIO LIMA DE OLIVEIRA BARROS

THARLYS DA SILVA SANTOS

CURSO TÉCNICO INTEGRADO EM EDIFICAÇÕES

Conclui-se por meio de pesquisas e análises que Jean-Baptiste Debret foi um artista e cronista francês, cuja obra se tornou fundamental para a compreensão visual do Brasil no início do século XIX. Chegou ao país em 1816 como parte da Missão Artística Francesa, com o intuito de contribuir para o desenvolvimento cultural e artístico da então jovem nação. No entanto, sua passagem pelo Brasil o transformou em um dos maiores documentaristas visuais da vida cotidiana, costumes e realidades sociais da época, principalmente por meio de sua série de gravuras, "Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil".

Uma de suas obras icônicas, "Uma Senhora Brasileira em seu Lar", retrata uma mulher da elite brasileira em seu ambiente doméstico, encapsulando não só o estilo de vida aristocrático, mas também as hierarquias raciais e de classe predominantes no Brasil imperial.

Debret não apenas ilustra a opulência e o luxo, mas também insinua a presença de escravizados, frequentemente invisibilizados. Outra importante reflexão de Debret sobre a sociedade brasileira pode ser observada em sua obra "Embranqueceram o Carnaval".

Nesta, ele documenta a transformação do Carnaval brasileiro, uma festa originalmente popular e com forte participação das camadas mais pobres e negras, em um evento progressivamente elitizado e embranquecido.

A obra revela o processo de apropriação cultural e a tentativa da elite brasileira de reconfigurar essa celebração, afastando-a de suas origens africanas e populares. Assim, Debret denuncia o racismo estrutural que permeia as transformações sociais e culturais do país.

Em resumo, Debret não foi apenas um observador passivo da realidade brasileira, mas sim um cronista atento às tensões sociais, raciais e culturais. Suas obras "Uma Senhora Brasileira em seu Lar" e "Embranqueceram o Carnaval" capturam aspectos fundamentais da sociedade do século XIX, expondo as profundas desigualdades que marcaram a vida cotidiana e o esforço das elites em mascarar ou transformar a identidade cultural do país. A partir de seu trabalho, é possível perceber as nuances da formação do Brasil moderno, em que a cultura popular e a influência africana eram simultaneamente celebradas e reprimidas.

Referências

DEBRET, Jean-Baptiste. Viagem pitoresca e histórica ao Brasil (1816–1831). Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1940.

FAUSTO, Boris. História do Brasil. São Paulo: EdUSP, 2013.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa M. Brasil: uma biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. História do Brasil. São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial, 2015.